

Diálogos com Paulo Freire: pesquisa-cartas ao educador popular

Daniele Barros Vargas Furtado*
Helena Amaral da Fontoura**

Introdução

Escrevemos este artigo para anunciar aos companheiros e companheiras da educação, a pesquisa em desenvolvimento no Mestrado em Educação - processos formativos e desigualdades sociais, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Faculdade de Formação de Professores (UERJ – FFP). Interessou-nos escrever para compartilharmos o trabalho de pesquisa que se utiliza de cartas pedagógicas como instrumento narrativo de discussão e análise.

O objetivo desta pesquisa é discutir os limites e as possibilidades do trabalho docente de uma professora no início de sua carreira em uma Escola Pública de São Gonçalo, Rio de Janeiro. Buscamos compreender os saberes e as práticas cotidianas dentro da complexidade da organização pedagógica e ao mesmo tempo apresentar aos leitores o processo de valorização dos conhecimentos produzidos no contexto de trabalho desta professora. Optamos pela escolha das cartas como estratégia de registro das narrativas cotidianas de uma das autoras que teve a ideia de escrever cartas ao educador Paulo Freire. Essa forma de escrita na pesquisa surge a partir do convite feito no livro *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*, por Ana Freire, a esposa de Freire, em que ela convida educadores a escrever cartas ao autor para discutir os problemas abordados por ele e que ainda são problemas de nosso tempo.

Paulo Freire também inspira a escrever cartas destinadas a ele já que utilizava desse recurso em algumas de suas obras. Nesse formato o autor escreveu as obras: *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis* (FREIRE, 2015a); *Cartas a Guiné-*

* Professora da Rede Municipal de Educação de Santa Maria, RS, atuando nas etapas de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Especialista em Orientação Educacional, Supervisão e Gestão Escolar - UNINTER. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Especialista em Metodologia do Ensino de Artes- UNINTER. Acadêmica do Mestrado em Educação: Processos Formativos e Desigualdades Sociais, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, na Faculdade de Formação de Professores - FFP.

** Graduada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1974), Graduate Diploma em Educational Psychology pela University of Alberta, Canada (1977), Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1993), Doutora em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública ENSP/Fundação Oswaldo Cruz (1997), Pós Doutora em Educação na Universidade de Barcelona (2007), Pós Doutora em Educação UFMT (2017). Professora Titular do Departamento de Educação da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Bissau: registros de uma experiência em processo (FREIRE, 1978); Quatro cartas aos animadores e às animadoras culturais (FREIRE, 1980); Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar (FREIRE, 2015b); Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos (FREIRE, 2000).

As narrativas do trabalho docente de uma professora iniciante na pesquisa contam um pouco das angústias e das possibilidades do trabalho vividas no contexto escolar, no encontro cotidiano com os demais sujeitos da comunidade escolar. As cartas registram situações que envolvem experiências didáticas do trabalho pedagógico, situações relacionadas com a organização do tempo e do espaço da instituição escolar, relações entre o vivido por Freire e as condições de vida das crianças da rede pública de ensino, entre outras cenas cotidianas.

O trabalho se organiza com a proposta de trazer uma apresentação da formação da autora por meio da escrita do memorial; este recurso metodológico se justifica por concordarmos com Prado e Soligo (2007) quando apontam que a produção de memoriais de formação é importante, pois ajuda a construir os nexos de sentido entre o patrimônio experiencial do sujeito e seu percurso como pesquisador. Para os autores, o memorial de formação consiste em uma escrita narrativa que traz um lugar de escritor/narrador como personagem de sua história, circunscreve e analisa um ou mais períodos dos processos formativos vividos por quem narra. Ser autor e narrador, nesse caso, remete a um texto que encadeia acontecimentos de várias ordens, desde a experiência profissional, a vida pessoal, misturando aspectos que mostram, explicam, justificam, exemplificam e ilustram o que está sendo contado e lembrado. Os tempos da narrativa se misturam, não há linearidade necessariamente. Para os autores, a escrita de um memorial de formação se dá a partir do campo da educação, e é neste campo em que transitamos.

Portanto, a contribuição do memorial de formação vem ao encontro da formação do Eu-pesquisadora quando nos possibilita pensar e registrar as ações que nos formaram professoras. Freire quando trata das memórias nos diz:

Quando hoje, tomando distância de momentos por mim vividos ontem, os rememoro, devo ser, tanto quanto possível, em descrevendo a trama, fiel ao que ocorreu, mas, de outro lado, fiel ao momento em que me reconheço e descrevo, o momento antes vivido. Os 'olhos' com que 'revejo' já não são os olhos com que 'vi'. Ninguém fala do que passou a não ser na e da perspectiva do que passa. O que não me parece válido é pretender que o que passou de certa maneira devesse ter passado como possivelmente, nas condições diferentes de hoje, passaria. Afinal, o passado se compreende, não se muda (FREIRE, 2015a, p. 22).

No encontro com as memórias do vivido é possível relembrar e registrar aquilo que me atravessou e me fez entender o quanto foi possível avançar e o quanto é necessário o movimento de busca e compreensão do ato de ser professor. Para referenciar o uso de narrativas de formação na pesquisa qualitativa traremos as contribuições de Josso (2010) e de Campos e Prado (2013). Segundo Josso (2010) a narrativa de formação apresenta-se como uma experiência formadora em potencial, pois serve assim de material para compreender os processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem, nas aprendizagens experienciais. Prado e Soligo (2007) argumentam que em um memorial de formação o autor é ao mesmo tempo escritor/narrador/personagem da sua história, tratando-se de um texto em que os acontecimentos são narrados geralmente na primeira pessoa do singular, numa sequência definida a partir das memórias e das escolhas do autor, para registrar a própria experiência e, para produzir certos efeitos nos possíveis leitores.

Para o trabalho de pesquisa, a escrita do meu memorial de formação optamos por apresentar as escritas sobre as experiências formativas ao longo dos anos no curso de Licenciatura em Pedagogia. Iniciei o curso no estado do Amazonas, em Manaus, no Centro Universitário Nilton Lins, e continuei na Universidade Federal do Amazonas (UFAM) após ter sido aprovada no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). O curso de Pedagogia foi concluído no estado do Rio Grande do Sul, em Santa Maria, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Nessas instituições tive a oportunidade de viver a experiência de ser monitora de disciplinas, participar de eventos acadêmicos, integrar a gestão de Centro Acadêmico e Diretório Acadêmico, fazer parte do importante Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) entre outras atividades que trago no memorial de formação. A seguir esclareço o caminho metodológico adotado para o desenvolvimento da pesquisa.

A pesquisa: como vamos caminhando

A pesquisa que vem se desenhando apresenta-se numa perspectiva de abordagem qualitativa (MINAYO, 2002), de cunho narrativo em que ao debruçar-me na leitura das cartas pretendo utilizar dos caminhos de análise por tematização apontados por Fontoura (2011, p. 73). Sigo a proposta da autora quando diz que “na qualidade de pesquisadores da prática, usamos métodos de investigação que trazem narrativas diversas, de modo que os colaboradores explorem suas visões e suas práticas profissionais, desenvolvendo uma forma pedagógica de pensar: refletimos e aprendemos.” A ideia é que a análise seja da

expressão do que foi produzido pelos diferentes discursos que compõem o corpus de cada pesquisa, contextualizados nas situações em que esses discursos são produzidos, buscando assim a seleção temática e a partir desse recorte poder problematizar em diálogo com os referenciais teóricos.

Autores que nos ajudam a pensar

Para a contribuição teórica do trabalho de pesquisa utilizo dos apontamentos de Freire que também fez do recurso da escrita de cartas uma forma para apresentar suas ideias a respeito da educação. A escrita e a análise das cartas podem ser consideradas como narrativas que se constituem como instrumento formativo do professor.

A possibilidade de escrever sobre as circunstâncias do trabalho docente pode fazer com que os processos de construção do conhecimento aconteçam nas interações com outros. As narrativas de formação servem assim de material para compreender os processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem, nas aprendizagens experienciais (JOSSO, 2010). Tendo professor a possibilidade de registrar sua atividade docente, as narrativas poderão contribuir para a auto formação e reflexão do trabalho docente realizado. “A situação de construção da narrativa de formação, independente dos procedimentos adotados, oferece-se como uma experiência formadora em potencial, essencialmente porque o aprendente, questiona suas identidades a partir de vários níveis de atividade e de registros” (JOSSO, 2010, p. 36)

Desse modo a autora afirma que ao escrever a narrativa o sujeito pode colocar-se a pensar sobre a construção das suas ações e o quanto elas vem a influenciar na sua própria mudança. Essa é uma atividade que pode favorecer ao professor iniciante nas suas indagações iniciais do próprio trabalho. Pensar sobre aquilo que tem desenvolvido com os alunos e de que modo está gerando ampliação do conhecimento destes tendem a ampliar o repertório de propostas que ele pode realizar no cotidiano. Para Josso (2010), ao colocar em uma narrativa a evolução de um diálogo interior consigo mesmo sob a forma de um percurso de conhecimento e das transformações da sua relação com este, permite alargar e enriquecer o capital experiencial. Ao refletir por meio das narrativas o professor vai revendo os registros desenvolvidos e possivelmente os ignorados de acordo com os interesses das situações que estão ocorrendo no seu trabalho.

Freire em algumas de suas obras trabalhou com a escrita narrativa por meio de cartas. O autor foi criticado por essa forma de escrita e na obra *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis*, ele justifica a sua opção pela escrita no formato de

cartas. Os críticos exigiam dele que tivesse mais formalidade, que seu texto apresentasse maior sistematização e rigor acadêmico. No entanto, Freire optou pela escrita de cartas. A forma de expressão e comunicação das cartas não impede ou distorce o rigor científico presente e sistematizado no pensamento teórico (FREIRE, 2015a). Ele opta dessa forma pela escrita de cartas por entender que desta forma seus textos tornam-se mais comunicadores, aproximando o leitor.

Nesse livro, Paulo Freire expressa em cada carta situações bem pessoais da sua história de vida e situações problemas éticos, políticos e econômicos que vivenciou na sua trajetória, ressaltando aquelas que demonstravam a realidade de um Brasil e de um mundo capitalista exploradores. Freire divide o livro em dois momentos, as Cartas a sua sobrinha Cristina abordando no primeiro bloco de cartas experiências pessoais carregadas de sentimentos como angústias e sofrimentos e no segundo momento uma temática muito mais política com a abordagem sobre questões da educação e democracia.

Um segundo livro que Freire também se utiliza da escrita de cartas tem como título: Professora sim, tia, não: cartas a quem ousa ensinar (2015b). O autor inicia o texto com uma discussão que ainda se faz muito pertinente e atual. Em tempos em que a profissão docente vem sendo questionada em sua qualidade do trabalho, pelas propostas pedagógicas em que dizem impor ideologias e pensamentos unificados, tratar sobre a concepção desse profissional é muito necessária. Nesse livro Freire (2015b) escreve dez cartas aos leitores.

Ao falar dos sentidos acerca dos termos ainda utilizados tia x professora Freire (2015b) resalta a necessidade de rigor que a profissão docente requer. Ele fala da responsabilidade de ser professor e do afeto que a profissão também requer. A exigência de seriedade com o trabalho e o querer bem aos outros e a própria realização da tarefa de ensinar, tratando assim como uma tarefa profissional que exige amorosidade, criatividade e competência científica. Para o autor, não podemos desconhecer as implicações ideológicas que envolvem a redução da condição de professora à de tia. Nas demais cartas ele aborda temas variados como formação permanente, atos democráticos no contexto educacional, a luta dos professores por seus direitos, entre outros.

Considerações finais

Como dito inicialmente a pesquisa encontra-se em desenvolvimento. O que foi possível perceber até o momento é que investigar a própria prática docente como professora iniciante é a possibilidade de compreender os saberes e práticas cotidianas

dentro da complexidade da organização pedagógica e um modo de apresentar aos leitores uma forma de valorização dos conhecimentos produzidos pelos educadores nos seus contextos de trabalho.

As obras de Freire no formato de escrita de cartas nos levam à compreensão que uma outra forma de registro é possível. E que para além do rigor científico é importante a escrita das experiências do cotidiano da escola para uma reflexão durante a escrita e após, nas suas análises.

Sobre as cartas é possível afirmar que estas se constituem como um importante instrumento de escrita e reflexão. É uma possibilidade de mudar os planos e rever as estratégias. Ter esse tempo-espaco de registro-reflexão pode permitir avaliar aspectos que contribuíram no processo de ensino e de aprendizagem dos sujeitos docente e discentes. As cartas ao longo da história tiveram grande importância comunicativa entre as pessoas, característica principal desse gênero. Registraram acontecimentos e fatos importantes e eram a possibilidade de comunicar o que estava ocorrendo. Hoje ela se torna uma potencialidade de registro do fazer docente.

Quando o docente utiliza cartas como forma de registro ele supera a autorreflexão. O autor da carta, no processo de escrita e de releitura, desenvolve uma perspectiva crítica da sua prática cotidiana docente, trazendo à memória aspectos vividos que podem ser articulados com novas formas de realizar o seu trabalho docente. Quando quem escreve a carta registra os seus erros e mudanças nas propostas metodológicas, quando registra as dificuldades que encontra para desenvolver um dado conteúdo, ao reconhecer na sua escrita os limites e avanços do seu trabalho e de toda relação que estabelece no cotidiano escolar, tem a possibilidade de transformação da ação educativa que realiza, dando essa possibilidade também ao leitor da carta escrita. Portanto, reforçamos a importância da escrita e da leitura de cartas como estratégias formativas do professor iniciante.

Referências

CAMPOS, Cristina Maria. PRADO, Guilherme Val Toledo (orgs). *Pipocas pedagógicas: narrativas outras da escola*. São Carlos: Pedro & João, 2013.

FONTOURA, Helena Amaral da. Analisando dados qualitativos através da tematização. in FONTOURA, HA (Org.) *Formação de Professores e Diversidades Culturais: múltiplos olhares em pesquisa*. Coleção “Educação e Vida Nacional”. Niterói: Intertexto, 2011, p. 61-82.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. *Cartas a Cristina: reflexões sobre a minha vida e minha prática*. São Paulo: Paz e Terra, 2015a.

_____. *Cartas a Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. *Quatro cartas aos animadores e às animadoras culturais*. República de São Tomé e Príncipe: Ministério da Educação e Desporto. São Tomé, 1980.

_____. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015b.

JOSSO, Marie Christine. *A experiência de vida e formação*. Natal-RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.) *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

PRADO, Guilherme Val Toledo. SOLIGO, Rosaura. *Memorial de formação – Quando as histórias narram a história da formação*. In: PRADO, G. V.T.; SOLIGO, R. (Org) *Porque escrever é fazer história – revelações, subversões, superações*. Campinas, SP. Editora Alínea, 2007, p. 45 – 60.